

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
DESIGN GRÁFICO**

**SEJA VOCÊ A MUDANÇA QUE QUER VER NO MUNDO:
A ARTE E A PERCEPÇÃO COMO CAMINHO DE AUTOCONHECIMENTO.**

Orientanda: Mariana Paola Cordeiro de Souza
Orientadora: Mirlene Simões

RESUMO

Este trabalho preza e contempla a Consciência, a ponte entre as duas realidades do ser; a existencial e a essencial. Constata e amplia que mesmo sendo a mudança uma constante no ato de existir, mudar tem sido difícil para as pessoas e, quase ninguém localiza o foco interno de resistências em movimentar-se. Por outro lado, de onde vem tantas certezas a respeito do existir? Qual a razão pela qual o ser opta pelo conhecido mesmo sendo detentor de poderosas associações entre o pensar e o sentir, as quais remetem-no as mais variadas impressões e sensações, a uma infinita amplitude de possibilidades. Não raro a percepção de mundo, vida e existência seguem regras impostas por grupos familiares, empresariais, culturais, demográficos, étnicos, entre outros e, poucas experiências humanas transcendem o meio e sua época e deixam a marca de sua presença para gerações futuras. Por fim, procura-se nessa pesquisa demonstrar como a arte pode transpor esse universo da percepção da consciência do ser. Para isso, após estudos e revisão bibliográfica será apresentado estudo de caso onde uma organização não governamental através de oficinas e cursos promove o autoconhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Percepção, Intuição, Razão, Arte.

ABSTRACT

This work, above all, values and contemplates Consciousness, the bridge between the two realities of being; the existential and the essential. It notes and expands that even the change like a constant in the act of existence, changes has been difficult for most people, and almost no one finds the internal focus of resistances to get move in the face of stimuli. In the other hand, where came from so many certainties about existence exist? Which is why the being opts for the known road even though he holds powerful associations between thinking and feeling, which bring him the most varied impressions and sensations, to an infinite range of possibilities. Not infrequently the perception of the world, life and existence - even though it is unique to each one - follow rules imposed by family, business, cultural, demographic, ethnic, groups, etc, and only a few human being transcend the environment and their time, leaving behynd his legacy for future generations. Finally, it is sought in this research to demonstrate how art can transpose this universe of the perception of the consciousness of the being. For this, after a study and bibliographic review will be presented a case study where a non-governmental organization through workshops and courses promotes self-knowledge.

KEYWORDS: Perception, Intuition, Reason, Art.

INTRODUÇÃO

A partir do momento em que o ser é inserido na vida através de seu nascimento, está imerso aos diversos aspectos relacionados ao existir. As regras impostas por grupos em diversos âmbitos da existência, acima considerados, apesar de parecer não estarem relacionados, estão intimamente interligados, a conexão entre eles é profunda e não pode mais ser ignorada.

A visão do mundo e o sistema de valores que estão na base de nossa cultura, têm de ser cuidadosamente reexaminados (CAPRA, 1988). Enquanto não se entende que o externo está intimamente ligado com o interno, não terá lugar a Co-criação da vida. Tumultuada está a vida de quem tem o coração e a mente em constante inquietação. Assim como considera Rudhyar (2015), compete-lhe escolher, na medida em que é um ser consciente. Como um ser, ele estampa a liberação de suas energias com seu próprio e inerente caráter e qualidade de ser. Ele representa aquilo que ele é. Ele age com “pureza”, ou em pecado (RUDHYAR, 2015).

A partir do momento em que princípios e valores não estão sendo vividos em vários âmbitos das sociedades como verdade, a humanidade como um todo, está fadada a repetir padrões mento-emocionais tidos como hábitos e condicionamentos por tempo indeterminado. O ser passa a viver constantes inconstâncias, e, adoecido, não consegue se responsabilizar por si. Como então, poderia fazer algo pelo Todo? Não existem meios de inovação sem o ser estar em harmonia com a verdade interna para vivê-la no externo.

Ao estudar a história da humanidade, os seres que trouxeram grandes mudanças ao mundo viveram sua verdade, eles foram a mudança pois estavam em constante movimento. Estavam conectados com as suas vontades, e, consciente de que, tudo o que emitiam - fossem pensamentos, sentimentos, emoções ou falas – eram de sua responsabilidade, transformaram sua realidade interna e consequentemente, a externa. Inovaram! Viram o que ninguém antes viu. Adentraram o desconhecido e encontraram um caminho até a realidade existencial pertencente. E, isto não é arte? Não é a arte, responsável por ver além? Responsável por acessar através da harmonia interna e unidade com o Todo, percebendo as necessidades da humanidade? Mas como descobrir estas necessidades, se o ser está distraído e cheio de falsas verdades? Como inovar, se não há espaço? Como integrar?

Por definição, a arte está para a “capacidade humana de criação e sua utilização com vistas a certo resultado, obtida por diferentes meios” (AURÉLIO, 2010, p. 68). Mas se a arte está então relacionada a maneira com que se desempenha, está também intimamente relacionada com quem a desempenha. Para tanto, torna-se importante discorrer brevemente sobre conceito de humanidade.

Por definição, “trata-se da capacidade de compreender, aceitar e se relacionar” (AURÉLIO, 2010, p. 404) Mas como forma-se um ser humano?

A formação humana existe em uma via de mão dupla: de uma lado, formamos pessoas; por outro lado, somos formados e (auto)formados. Ela atinge também a nuance de um processo de um sujeito próprio e de atividade de um quefazer pedagógico em que o sujeito é, concomitantemente, protagonista e coadjuvante (CÔRREA *et all*, 2016, s/p).

No entanto, se o ato de formar está relacionado a maneira com que se faz, este transforma-se em um conceito amplo, onde, o tempo e o lugar assumem grande relevância. Como encontrar integridade? Como fazer emergir a essência de cada ser? Como localizar o melhor de cada um? Esta é a função da arte. Para tanto, o artista precisa estar desperto. Um artista é aquele que tem dúvidas, que desempenha seu ofício com exímio, aquele que materializa um movimento interno, trás luz a um pensamento, estrutura-o e dá forma a um ato. Ele está consciente de que tudo está conectado, e, acima de tudo, de que deve ser a mudança que quer ver no mundo.

“A nossa grande e gloriosa obra-prima é viver a propósito.”

Michel de Montaigne

1. A REFORMA DO SER

1.1 IMPULSOS

Voltando um pouco no tempo, quando o ser humano tinha as mesmas preocupações de outros animais, ele não podia imaginar até onde iria a sua espécie, nem prever o rompimento entre sua espécie e as demais, entre o homem e o Todo, inclusive

o meio que ele pertence. Esta ilusória separatividade com o Todo é uma das causas de tanto descaso e devastação, tanto interna quanto externa.

Os biólogos classificam os organismos em espécies, por sua vez as espécies cuja evolução origina-se de um ancestral comum são agrupadas em gêneros e, os gêneros são agrupados em famílias. O Homo Sapiens também pertence a uma família, e, este fato costumava ser um dos segredos mais bem guardados da história. Durante muito tempo, o Homo Sapiens preferiu conceber a si mesmo como separado dos animais, concebia-se e ainda concebe-se como único, porém, o verdadeiro significado da palavra humano é “animal pertencente ao gênero Homo” (HARARI, 2015, s/p) e, antes haviam várias espécies desse gênero além do Homo Sapiens.

O que levou-o a querer esta separação? Será esta a razão pela qual hoje, o ser interpreta-se a apartado do Todo? Para produzir um rompimento deste jaez é necessário o uso do pensar e este é justamente um dos sentidos adquirimos da fase hominal, junto do sentido da palavra e do sentido do Eu, Rudolf Steiner (DORNACH, 1916) o qual é estreitamente relacionado com a intuição. Esta, por sua vez, tem sido negligenciada e desprezada por muitos educadores pois estes consideram que a única forma de se adquirir conhecimento, digno e útil, é pelo intelecto (ARNHEIM, 1989). E, ao considerar o intelecto como a única possibilidade de adquirir conhecimento, se afasta o ser de sua essência. Ainda segundo esse autor, a intuição é uma das ramificações fundamentais e indispensáveis do conhecimento (ARNHEIM, 1989). Mas o que é conhecimento? Para um filósofo, por exemplo, conhecimento é qualquer instância de um organismo que estabeleça uma relação com o meio (BURKE, 2016)

Faz-se essencial perceber que o ser relaciona-se consigo mesmo a medida que relaciona-se com o meio e com os demais. Cada qual tem seu papel, as relações são o que sustentam a vida neste planeta e, se o mesmo não encontra-se aberto para construir estas relações e mantê-las, poucas chances terão de transcende-la.

O ser humano desempenha inúmeros papéis enquanto experiência de vida, por exemplo, no contexto familiar, um filho interage de forma intuitiva, ele está começando a criar seu próprio movimento e ritmo a partir de estímulos externos. Já os pais, agem de forma mais racional, pois todo o contexto começa a exigir através das responsabilidades. Já um avô - este já experimentou muito - tende a encontrar o meio termo entre estas duas forças, ele sabe ser intuitivo e racional e, portanto, tem ascendência energética dentro de sua família, ou ao menos deveria. Sendo assim, um filho não deverá ter ascendência sobre os pais. Cada qual tem seu papel e

responsabilidades e, assim o ser vai adquirindo conhecimento conforme passa pela vida, experienciando o ato de viver através dos sentidos, das relações e, desta forma, como humanidade a evolução vem acontecendo através da junção dos sentidos e destas experiências adquiridas. Portanto, um sentido estrutura o outro, aliás, é a base para o próximo. Assim como as relações.

As leis da *gestalt* abordam este equilíbrio entre intuição e razão, onde, as duas primeiras leis – pregnância e semelhança – representam a intuição através do movimento e ritmo e, as outras três – proximidade, continuidade e fechamento – representam a razão. Uma lei completa a próxima (ARNHEIM, 1989).

Como sociedade, e, como indivíduo, sujeitar-se a qualquer tipo de negligência e fechamento é ir em direção a estagnação, e, assim sendo, o ser precisa a princípio entender como estrutura-se e forma-se a sua individualidade, que, juntamente a tantos outros fazem parte de uma sociedade, um organismo vivo onde tudo está conectado e nada acontece ao acaso.

O indivíduo, como ser existencial, vem desde o seu nascimento a fim de construir uma personalidade própria. A princípio expressa características dos pais e, estas, vão aos poucos cedendo lugar para suas próprias concepções a partir de suas experiências, adquirindo forma própria até que, quando alcança a maioridade, está pronto para interagir com o mundo de fato. Este ser vai construindo-se, descobrindo-se e conhecendo-se, a fim de fazer a parte que lhe cabe no mundo, ao passo que, os pais vão diminuindo o ritmo, o dele vai aumentando. Esta é a ordem natural da vida, e assim tem início a sua percepção sobre a importância da estrutura familiar para o desenvolvimento de um ser na Terra. É um processo muito mais amplo e essencial do que se imagina, visto que o desequilíbrio hoje enfrentado pela humanidade provém, também, da falta de princípios e valores.

Dito isso pergunta-se: será que o ser compreende em profundidade qual o papel de uma mãe e de um pai? Prover? Dar comida ou nutrir? Ofertar um teto ou proteção? Vestir ou permitir uma pele mais espessa a partir de experiências? Atender as necessidades básicas de sobrevivência ou ensinar a viver? Basta criar um filho saudável ou podem os pais através de sua autoeducação e desenvolvimento possibilitar aos filhos serem instrumentos de crescimento e desenvolvimento para si e para os demais? Até mesmo os animais prepararam seus filhotes para a interação com o mundo, já a espécie humana devido a interpretação de separação e supremacia aloca-se num lugar de

extrema fragilidade devido o desconhecimento da importância de interagir consigo e com o Todo. Ancestralidade e separatividade.

Cada um deve olhar para dentro de si e entender profundamente a responsabilidade por cada escolha feita. Um dos grandes problemas tem sido essa distração inconsequente, este véu pretensioso e manipulador, que esconde os detalhes de feitos pequenos, estes, ao passo que são a chave para grandes feitos, tornam-se quando negligenciados a causa de grandes problemas. A percepção precisa ser do micro para o macro e nunca ao contrário, no entanto, realmente raríssimos optam por trilhar o caminho desta forma. Os que optaram mudaram a percepção do homem sobre si e sobre o Todo.

E, o mais danoso é que mutuamente, enquanto humanidade, as distrações têm sido alimentadas uma vez que são confortáveis. O ego, instância protetiva da personalidade, insiste em manter o ser no caminho conhecido – este representa a soma de todas as experiências vividas e muitas delas trouxeram dor – inclusive, o caminho conhecido foi desenvolvido e aperfeiçoado para evitar à dor, logo, a atenção a hábitos e condicionamentos pode vir a ser uma ferramenta poderosa, um indicador de caminho. Afinal, ele indica o caminho conhecido, e, atentando para ele será possível mudar a atitude, o comportamento, a personalidade. Sendo assim, o autoconhecimento é a chave da construção de uma personalidade genuína e autêntica, inovadora, capaz de criar. Dado que, se o ser desde o princípio é instruído a autoconhecer-se, desenvolverá atenção e intuição, chaves para a criatividade.

1.2 O TEMPO

Atualmente a humanidade experimenta um momento decisivo, onde, ou optará pela conexão individual e coletiva consigo e com o Todo possibilitando a transcendência dos desafios instaurados pela própria espécie Humana, ou continuará optando pelo fácil e, então, trará sua extinção. Capra (1988) cita como grande ameaça à humanidade os investimentos três vezes maiores em armamentos do que em saúde. O que demonstra a repetição de ações mais voltadas à guerra do que relacionadas à cura e bem estar da humanidade.

O conceito de saúde, por exemplo, também encontra-se confuso, os supermercados vêm cedendo cada vez mais lugar às farmácias. Doenças nutricionais e

infecciosas são as maiores responsáveis pela morte no Terceiro Mundo e, os países industrializados são flagelados por doenças crônicas e degenerativas (CAPRA, 1988). Pontos de vista diferenciados não seriam motivo para guerras, problemas não seriam vistos como problemas e sim oportunidades de crescimento, pessoas trocariam experiências e não desconfianças, países não tolheriam o pensamento de outros, culturas seriam respeitadas e a diversidade não seria vista como uma ameaça política.

Capra (1988), ainda, relaciona a superpopulação e a tecnologia industrial como meio de deterioração do meio ambiente e dos sistemas ecológicos. Estes, já estão num ponto tão crítico, que, os meteorologistas falam de um véu que envolve todo o planeta. Não restam dúvidas, transcender os limites e desafios internos são prioridade máxima. No entanto, como? Consciência. E como se adquire consciência? Autoconhecimento.

O autoconhecimento está intimamente conectado à expansão da nossa percepção do Todo e da Vida. E isto envolve uma profunda transformação interna, dar movimento ao que está estagnado, buscar dentro de si as dores mais profundas e ressignifica-las. Poucos desbravam a si mesmos, afinal, é doloroso. É mais fácil dizer: “eu sou assim” e rechaçar percepções e fatores importantes para a evolução do que entender o deflagrador, a razão, da necessidade de auto defender-se diante de estímulos tidos como problemas e buscar uma nova saída, um novo caminho.

Leonardo da Vinci, por exemplo, dito como um homem de personalidade carismática, amável e generosa, criticava apenas os “homens que não desejam nada além de riquezas materiais e são absolutamente desprovidos do desejo pelo conhecimento – o alimento e a verdadeira riqueza da mente” (ISAACSON, LEONARDO DA VINCI, 2017). Descrevia como “discípulo da experiência”, aquele que, apoia-se em si mesmo. Tudo o que existia na natureza, despertava sua curiosidade e então, buscou meios de entender mais sobre este mundo visível e, através de seus estudos profundos e observações sobre a natureza, uniu sua engenhosidade mecânica a fim de criar o que estava muito além de seu tempo. Desbravou novos caminhos e estava sempre competindo com ele mesmo, tinha uma mente tão ávida em busca do novo que, cita Capra (2012), seu método de reavaliar ideias teóricas em várias áreas significa que ele jamais considerava nenhuma de suas explicações definitivas.

Pensador sistêmico, para ele, compreender um fenômeno significava conecta-los a outro. Quase sempre trabalhava em vários problemas simultaneamente, dando especial atenção a similaridades de formas e processos nas diferentes áreas de investigação. A seu ver, os padrões e processos do microcosmo se identificavam com os do

macrocosmo. Sua percepção estava sempre alcançando conexões, ele estava vivendo sua verdade.

Mas o que é percepção? Segundo o Arnheim (1989), a percepção é um campo contínuo de forças. E, estas forças foram admitidas como reais em ambos os domínios da existência, tantos físicos como psicológicos. Psicologicamente, os impulsos existem na experiência de qualquer pessoa que observe, desde que tenha, um ponto de aplicação, uma direção e intensidade, preenchem as exigências que os físicos estabeleceram para as forças físicas.

Para exemplificar estas forças, referencia-se nesse trabalho outro artista: Van Gogh. Este, desde muito pequeno demonstrava um extraordinário interesse por tudo o que o cercava, especialmente pela natureza. Em julho de 1874, aos 21 anos, quando volta da Inglaterra para Holanda, atormentado e sombrio, vai a Paris, sente-se desamparado, inquieto. Ele se pergunta sobre uma infinidade de coisas para as quais não tem resposta: perde-se em conjecturas. Um pensamento o impressiona e o invade: nada acontece ao acaso, “Esquecer-se de si, realizar grandes coisas, atingir a generosidade, e ultrapassar a vulgaridade na qual se arrasta a existência de quase todos os indivíduos” (VAN GOGH, 2002).

Ele volta para a Holanda, decide que quer ser pintor, mas isto o deixa preocupado, pois é preciso ganhar a vida, resta-lhe um caminho a tomar: consolar os humildes, e passa a servir como pastor. Logo em seguida, Van Gogh vai para a Universidade de Amsterdam, lá, consome-se em esforços, estudar se torna uma tortura, e então, abandona os estudos. Resolve que quer ser missionário dos pobres mineiros de Borinage, vai a Bruxelas, não é nomeado. O seu pai acorre junto ao filho desamparado, e o dá uma missão de seis meses em Wasmès, coração de Borinage, o centro do país negro, nas minas de carvão. Lá, homens que passam a metade da vida agitando-se nas entranhas da terra através de atividade subterrâneas. Van Gogh só vê tristeza e opressão e na intenção de aliviá-las, dedica-se ao zelo de um apóstolo. Entrega-se ao completo a sua exaltação mística. Continua a desenhar em seus momentos livres, até sua missão não ser renovada. Volta a Bruxelas e depois, de volta a Borinage, seu período mais sombrio começa vivendo do pouco dinheiro que seu irmão lhe enviava, dorme à beira dos caminhos. Até que em julho de 1880 decide ser pintor. Após uma carta onde abre-se profundamente ao irmão, Théo dedica-se inteiramente a ele, e é graças a esta dedicação e confiança, que aparece o gênio (VAN GOGH, 2002).

Fica claro perceber o quanto a alma de Vicent era generosa e procurava desesperadamente seu propósito. Isto o diferencia dos tantos seres que fogem destas forças perceptivas, entregam-se sem nem ao menos atentar para ao “acaso” da vida e assim existem ao largo dela. É preciso encontrar o Sujeito, aquele que consciente narrará a própria história, e, não mais, a verá passar.

Somente os ganhos perceptivos a partir da ampliação da consciência trará o Sujeito à existência, este será encontrado através de uma profunda ampliação da percepção, esta expansão dar-se-á pelo autoconhecimento, estes gerarão posicionamentos diante de si e todo em favor do crescimento, do desenvolvimento de uma personalidade capaz de transcender limites, desafios próprios do existir carregado do antes e propondo o novo. A localização através da atenção e a posterior compreensão de padrões mento-emocionais carregados pelo indivíduo – hábitos e condicionamentos - possibilitam o novo, até mesmo uma nova posição diante da Vida.

1.3 EQUILÍBRIO

Pode-se não ter percebido ainda, mas o ser busca incansavelmente por aquilo que lhe falta, por equilíbrio. Caravaggio (s/d), por exemplo, buscava a verdade tal como podia vê-la. Não lhe agradavam os modelos clássicos nem tinha o menor respeito pela “beleza ideal”. Queria desvencilhar-se de todas as convenções e repensar a arte desde o começo (GOMBRICH, 2012). Com grande falta na infância por perda de membros da família, e, também do pai, fez uso de um trabalho fortemente estrutural, durante toda a vida. Será, talvez, por ter lhe faltado estrutura quando estava se formando? Seguindo por este raciocínio, quando o indivíduo busca pela aceitação das pessoas, possivelmente, pode em algum momento ter vivido a rejeição? O que faz com que estes impulsos desarmônicos tão profundos se manifestem, inclusive de maneira a definir e limitar a forma como o ser vê o mundo? Que forças perceptivas são responsáveis por isto? Segundo Arnheim (1989), elas são componentes genuínos de tudo o que se vê. E, que o homem procura equilíbrio em todas as fases de sua existência física e mental e, esta mesma tendência pode ser observada não apenas em toda a vida orgânica mas também os sistemas físicos.

Ele cita, que na física, o princípio de entropia, a Segunda Lei da Termodinâmica, qualquer sistema isolado, cada estado sucessivo, representa um decréscimo irreversível

na energia ativa. O Universo tende para um estado de equilíbrio no qual todas as assimetrias de distribuição existentes serão eliminadas.

O ser humano como faz parte do Todo busca o equilíbrio também, busca por unidade, no entanto, o custo tem sido grande pela negação. Nega lá trás a sua família ancestral, nega a intuição, e, está tão acostumado a ser a si mesmo que conceber outras possibilidades torna-se intolerável.

Como cita Rudhyar (2015): a humanidade como um todo realmente se comporta de modo análogo ao de qualquer outra espécie de vida. Ela se protege por meio de mecanismos muito complexos de compreensão. Onde a taxa de natalidade é muito alta, as guerras e epidemias são frequentes - ou então o controle de natalidade se torna comum. Onde o número de nascimento diminui, as descobertas no campo da medicina e higiene ajudam quase todo bebê a viver e prolongam a expectativa de vida. Depois das guerras, a maioria das crianças que nascem pertencem ao sexo masculino - e quando a possibilidade de acidentes aumenta ou campanhas bélicas selvagens mutilam milhões, a cirurgia faz progressos extraordinários. Efetivamente, o homem aprende a reedificação do que primeiro destruiu; assim que o conhecimento e a consciência se desenvolvem a maneira humana típica: através de sofrimento e desarmonia (RUDHYAR, 2015).

Em tempos atuais o sobrevivente é aquele que consegue se adaptar a tensão e aos perigos ou pressões externas ou que é capaz de produzir uma “semente” socialmente significativa ou capaz de transformar o mundo, desse modo atendendo à necessidade - a princípio, em grande parte, subconsciente - de sua raça, de sua cultura e, de modo geral, da humanidade.

Têm-se vivido os extremos: ou vivemos a fome, ou jogamos comida fora, racionamos água, ou a desperdiçamos, vivemos tempo de guerra, ou querermos viver tempos de “paz”. Esta inconstância apenas representa as enfermidades de nossa Alma. De acordo com Bonder (1998), apreendemos com os nossos desejos mais profundos. Importante faz-se lembrar de um provérbio latino do quarto século, dito por Renatus Publius Flavius Vegetius Renatus: “Si vis pacem, para bellum (se queres paz, prepare-se para a guerra)”.

Portanto, como dito, sendo a mudança, como a única constante da vida e, cabendo ao ser fazer o melhor que puder com a oportunidade da vida, desta relação tão profunda entre tudo o que nos rodeia e vive no íntimo de maneira tão especial e única, do micro ao macro, será possível, então, a partir da consciência, acessar uma nova visão da realidade, novos pensamentos, novas percepções?

Com os adventos da Ciência Moderna, houve um rompimento da maneira de apreender. O homem separou-se da maneira religiosa de conhecer a si e ao mundo, renasceu. Paulatinamente, a reforma do conhecimento foi acontecendo, onde, este, foi-se fragmentando em um conjunto de informações, em técnicas, em especializações, democratizando o saber.

Nos dias de hoje, adentrar e esclarecer-se sobre diversos níveis de conhecimentos tornou-se algo aparentemente fácil, no entanto, segundo Morin (2001), esta fragmentação das disciplinas, ao mesmo tempo que elucida, torna cega a possibilidade de vermos o conhecimento num contexto global. E, sendo assim, existe uma diferença entre informar-se, conhecer e saber. Eliot (1934) dizia: “Onde está o conhecimento que perdemos na informação?” E, “Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento?” (ELIOT *apud* MORIN, 2001, p. 16).

Para adquirir um conhecimento, faz-se necessário um conjunto de informações, e a partir destas, tece-las a fim de compor uma estrutura, onde, aliado a sua experiência, organizam-se em um conhecimento. Este transforma-se em sabedoria quando o ser mantém-se aberto e disposto a estar sempre reconstruindo e compondo novas estruturas e experiências, associando sempre o interno com o externo.

Portanto, um mal conhecimento dá-se quando este fecha-se em suas próprias estruturas e não mais expande suas dimensões, muda suas direções. Encerra-se e prende-se numa mesma posição, não restam mais dúvidas. E o que pode-se fechar? Um pensamento? Uma emoção? Qualquer experiência pôde-se tornar um fechamento, uma fixação, sendo ela boa ou ruim? Ou apenas o que é ruim fecha-se? E mais, somos o que pensamos e sentimos?

Se quando se reconstrói um pensamento ou uma emoção, muda-se a maneira de comportar-se, somos formados por razões e emoções. Carregam-se medos, culpas, revoltas, pesares, verdades, ilusões e apegos que nem sempre tem uma razão consciente de estarem enraizados estruturalmente no ser, afinal, não foi experienciado no aqui e no agora. Então, de onde vem estes conhecimentos?

Morin (2001), diz que a organização dos conhecimentos é realizada em função de princípios e regras, onde, em um processo circular, comporta operações de ligação e separação, de análise e síntese.

Trazer estas estruturas a consciência através da percepção de si e do Todo, em uma frequência que propaga-se e expande-se, formada de presença e ausência, de silêncio, é um dos papéis fundamentais da Arte, onde, o gesto de compor alia-se a

conhecimentos, comunica-se em sintonia profunda com o interno e transforma, reinventa, alinha.

1.4 A PARTE E O TODO

Com a democratização do saber, privilegia-se o acúmulo separado de informações, impedindo a integração do conhecimento. Um indivíduo, que tem a coragem de se encarar sem separar-se, ou negar-se, usa o pensamento a fim de ligar pontos e unir contextos.

Uma informação conecta-se a outra, conhecimentos não mais separam-se, e sim, tornam-se uma unidade, onde, existe uma profunda relação entre tudo o que acontece, ciclos formados a partir de uma sintonia e uma sincronia, ação e reação, onde as partes formam o Todo.

Sob esta perspectiva, o contexto social, não separa-se do cultural, que está intimamente ligado aos tantos outros e, como uma ação dentro de qualquer um destes contextos afetam diretamente os demais. Trata-se de compreender a relação essencial entre a comunicação das partes na construção do Todo e, do Todo com as partes. Cada qual, fundamental.

Pode a Arte então ser uma das pontes perceptivas deste Todo através das partes? Uma vez que para fazer arte é preciso estar em contato e atento ao intuitivo bem como com o racional, transforma-lo em pensamento, em gesto, e, construir uma unidade. Para tornar esta reflexão possível, pergunto: o que é Arte? E, quando se torna Arte? O estudo da natureza humana e suas nuances? Entretanto, mesmo cada ser vivendo suas experiências em uma profunda solitude, ele não está só. A evolução nos condicionou ao coletivo, mas somente cabe a cada um pavimentar seu caminho.

Ao olhar o cenário atual, temos o grupo que vê progresso e os que veem desordem. Ambos estão certos uma vez que é o caos que proporciona o progresso, só é possível saber que vive-se a leveza, tendo conhecido o peso. Este mundo dual molda o equilíbrio entre estas forças; ação e reação, peso e leveza, luz e sombra, o bem e o mal, o feio e o belo. Há certo e errado afinal? Sendo assim, qual natureza forma o ser? Para qual você pende? Que moral veste seu corpo? O que é justo?

Até quando parecerá normal pregar princípios diferentes do que se vive? Quanto tempo mais precisará para entender que quem precisa de reforma é o Ser? E, a vida, nada mais é que uma oportunidade de, aqui e agora, tornar isto possível? O que mais

precisa acontecer para enfim compreender-se o externo e que tudo acontecendo no entorno, como reflexo do íntimo muitas vezes rechaçado?

É preciso coragem e disposição para olhar a vida que se leva como um reflexo de escolhas e fazer algo com isso. Transformar em combustível para movimentar aspectos rechaços, escondidos e estagnados, fixados. Enquanto eles não são trazidos à consciência, narram o presente e ficam cada vez mais difíceis de serem identificados, uma vez que tornam-se cada vez mais automatizados, transformam-se em hábitos. Muda o cenário, mas não estes padrões, e eles continuarão a definir direções, até serem ressignificados. E, o princípio da ressignificação é o de trazer um novo sentido ao conhecido.

Este movimento natural de construção e reconstrução é algo que deveria ser natural, no entanto, resiste-se a isso com extremo fervor. Posicionar-se sobre algo ou alguém em definitivo, é já um estado de fixação, é fechar-se ao novo. Ver aquilo que quer-se ver e isso é perigoso. Tudo o que fecha-se, fragmenta, afasta do essencial.

Um pensamento é responsabilidade de quem o emite, assim como uma fala, uma ação. Uma omissão também é uma escolha, tudo, consciente ou inconsciente, é pautado em escolhas. No entanto, o nível de consciência, define o grau de responsabilidade. A corrupção nasce muito antes da materialização de um gesto. Sendo assim, a corrupção que vê-se hoje, nada mais é que um reflexo de pensamentos e emoções corrompidas, assim como, tudo o que está vindo a superfície mostra que o mesmo dentro de cada um, está também. Não é interessante o fato de alguns dos grandes artistas apresentarem instabilidade emocional e, ainda assim, criarem maravilhas diante destas emoções? Dito isto, pergunto: é possível definir o que é belo e o que é feio e, através disto, definir moral? Existe, de fato, uma liberdade diante destes princípios dos quais se formam a vida? Quando foi estabelecido a condição do que é certo e do que é errado como algo absoluto? Ora, uma vez que por muito pouco nega-se uma ação, eticamente um interesse coletivo sobrepõe o individual, afinal, se não existe responsabilidade pelo som que se faz em silêncio, ou seja, consigo próprio, como poderá existir uma vontade coletiva mútua? Quando uma vontade individual transforma-se em uma coletiva? E, quando deve-se preservar um princípio ou transforma-lo?

Van Gogh, como já citado anteriormente, era extremamente imaginativo e observador, profundo. Desde sua infância apreciava o silêncio e a natureza. Vindo de uma família extremamente rígida norteadas pelos padrões da sociedade, estes tentaram o afastar de tudo isto, deste mundo tão íntimo e particular. No entanto, a vontade dele de

ajudar as pessoas era proporcional a vontade que tinha de se encontrar através disto. Sendo assim, mesmo com uma história de vida bastante complexa, de um lugar para outro, em sua solitude, ele encontrou seu caminho, cada gesto o conduzia até isso, mesmo não ocorrendo da maneira que gostaria – dificilmente ocorre – tudo culminou da forma com que deveria, para que ele acessa-se estas emoções dentro dele e as estrutura-se através de seus estudos e obras. Van Gogh conseguiu alinhar os princípios intelectuais e emocionais dentro dele. Sua vontade era genuína, ele estava aberto e comprometido consigo.

Rembradt, buscava mostrar o indivíduo como um todo, buscava realçar a sensação de vida, de tornar humano, pouco importava os ideais de beleza ou feiura, mas sim, de dar vida a um ser humano real. Compreendo que essa expressão poderá parecer sentimental, mas não tenho outra maneira de descrever o conhecimento quase sobrenatural que Rembradt parece ter do que os gregos chamavam de “atividade da alma”. Tal como Shakespeare, ele era capaz, por assim dizer, de penetrar fundo na pele de todos os tipos de homens, e saber como se comportariam em qualquer situação prevista, disse Gombrich. (GOMBRICH, 2000)

2. METODOLOGIA DE PESQUISA

O trabalho de pesquisa foi realizado através de referências bibliográficas, análises de filmes e documentários e estudos da história da arte. Utilizou-se também o diário de campo como fonte de prática e observação das hipóteses deste trabalho. O diário de campo expressos por Caria (2002), fundamenta-se como

[...] ver o terreno como produtor de conhecimento porque ele cria-nos conflitos sócio-cognitivos, isto é, tensões e contradições (quebras de sentido) entre o que o investigador esperava encontrar (com relevância teórica) e o que encontra. Estas quebras de sentido geram construção de conhecimento, expressa no diário de campo ou simplesmente na memória de acção do etnógrafo. (CARIA, 2002, p. 15)

Sendo assim o método de pesquisa além das análises teóricas, consistiu na observação, durante um ano, de pessoas participantes de oficinas e cursos sobre autoconhecimento em que a autora é instrutora. Apresentou-se ao final da pesquisa a análise entre as diferentes abordagens dadas pelos autores estudados com a prática vivida nas oficinas.

3. DIÁRIO DE CAMPO, ESTUDO DE CASO SOBRE O AUTOCONHECIMENTO ATRAVÉS DA ARTE.

Este diário de campo foi realizado em um Instituto de Educação, local onde a autora trabalha desde 2014. O Instituto tem como missão proporcionar o encontro do ser com o Ser. As atividades realizadas pela autora desde então estão relacionadas ao desejo de auto conhecer-se dos indivíduos que, para tanto, procuram o Instituto.

Como citado anteriormente neste trabalho, a metodologia do diário de campo consiste na vivência do objeto pesquisado e a partir das notas e descrição do cotidiano e suas situações, tem-se a interpretação do referencial estudado.

Desta forma, o caminho de integração escolhido no Instituto é uma oficina de percepção denominada sombra, uma vez que esta é transparente e, portanto, aberta - a luz é opaca e, portanto, fechada. O conceito de luz e sombra foi muito abordado por muitos artistas, no entanto, quem fez grandes estudos sobre a Sombra foi Leonardo Da Vinci. Leonardo entendeu que o uso das sombras era o segredo para moldar objetos tridimensionais em uma superfície de duas dimensões. E mais, disse que sem as sombras, corpos sólidos e opacos ficariam mal definidos. (ISAACSON, 2017). Ele quis dizer que a luz não define-se sem a sombra. A não forma proporciona a forma.

Este estudo feito por Da Vinci, justapõem dúvidas que a autora teve ao começar seus próprios estudos diante da formação do ser. Aproximadamente 30% do nosso cérebro tende a confiar no que se vê, no sentido da visão, mas estes olhos, encarregados de ver, de fato veem? A audição, por exemplo, torna-se pouco confiável, uma vez que este sentido adapta-se ao que os olhos traduzem. Esta, tende a ser manipulada para moldar o que se deseja e, não o que de fato é.

“O mundo do homem é seu olho”, ditado do povo bambara da África Ocidental. “Os olhos recebem e emitem luz, olha para fora e para dentro, é uma janela para a alma e para o mundo. Mas também pode ver demasiado, ou absolutamente nada” (TASCHEN, 2012, s/p). Porém, como saber então quando encontra-se no campo da

projeção, da idealização, ou de fato, na realidade? Qual a ligação entre as projeções e pensamentos? Por quê torna-se tão fácil distrair-se e viver num mundo projetado? Como isto acontece e, por quê?

Através destes levantamentos, junto ao Instituto, iniciou-se o caminho, onde, ao lado de pessoas dispostas a olharem para dentro a fim de buscar consciência e autoconhecimento, aliados ao tempo, ocorre uma abertura para alcançar o imo de padrões mento-emocionais. Dentro de suas realidades, a maior parte das pessoas que chegam até o Instituto, trazem questões muito sérias, mas o que existe em comum entre elas é o fato de penderem a um extremo. Ou pensam de mais e sentem de menos, ou sentem demais e pensam de menos. Qualquer polarização é perigosa, uma vez que, como dito anteriormente, um princípio complementa o outro. O mental é o responsável por organizar o que sentimos bem como as emoções dão sentido a ele.

Um dos grandes autores de referência para o estudo é Rudolf Steiner, fundador da antroposofia. Steiner tinha consciência de que tudo estava conectado e, que nada acontecia aleatoriamente.

Quando se fala em ‘grande mundo’ e ‘pequeno mundo’, em macrocosmo e microcosmo — como, por exemplo, Goethe o fez em seu Fausto —, fala-se do universo todo e do homem: o universo todo como sendo o grande mundo e o homem como sendo o pequeno mundo. O relacionamento entre o cosmo e o homem é, como já vimos em vários exemplos, múltiplo e bastante complicado. (STEINER, 1916)

Outro grande estudo de referência para o trabalho do Instituto é a Arte. Esta harmonia e unidade da qual toda esta pesquisa refere-se precisa acontecer primeiro dentro de nós através da atenção aos detalhes, do micro ao macro, como meio de traduzir e expressar o Ser em essência.

“A arte diz o indizível; exprime o inexprimível, traduz o intraduzível.”

Leonardo da Vinci.

“Grandes coisas não se fazem por impulso, mas pela junção de uma série de pequenas coisas”

Vicent Van Gogh

CONCLUSÃO

Sendo assim, a sociedade contemporânea tem inúmeros acessos a informação, mas mesmo assim, parece encontrar-se perdida. Perdida em trocas, em toque, em sensações, em olhares, uma vez que tudo é feito a distância, o vínculo de uma relação - seja ela familiar, profissional, social, amorosa - ao mesmo tempo que parece aproximar, parece superficial, fácil de ser rompida e difícil de ser cultivada, construída.

Percebeu-se neste estudo que os indivíduos parecem próximos de tudo e todos, e, ao mesmo tempo, nunca sentiram-se tão sozinhos. E, como “com grandes poderes vêm grandes responsabilidades” (AMAZING FANTASY, 1962) é chegada a hora de cada um assumir suas emissões e ações, sejam elas grandes ou pequenas, não há outra forma de cura individual e coletiva. Os danos causados, para serem reparados, precisam ser assumidos pela espécie causadora, os seres humanos. E, que outra maneira de o fazer, senão ampliando sua percepção de si, olhando para si e, cuidando de si?

É de suma importância, portanto, perceber como ponto principal desta pesquisa que os artistas citados somente alcançaram excelência em suas obras por incansavelmente e exaustivamente trabalharem internamente em primeira instância, por serem artífices de si mesmos, transformando assim o externo, o mundo. E, vendo sob este ângulo, a arte torna-se, no mínimo relevante, como caminho de autoconhecimento bem como meio de ampliar a percepção de si e do Todo; de voltar-se para dentro, de perceber esta íntima conexão com tudo e, de sentir em si e a cada gesto como fruto da relação entre a intuição e a razão, como forma de um equilíbrio composto por um mestre de si.

“Se as pessoas ao menos soubessem o quão duro trabalho para ser mestre no que
faço, não lhes pareceria tão maravilhoso”

Michelangelo de Buonarroti

REFERÊNCIAS

ARNHEIM, Rudolf *et al.* **ARTE E PERCEPÇÃO VISUAL** : Uma Psicologia da visão criadora. 1. ed. São Paulo: Thomson Pioneira, 1998. 504 p. v. 1.

_____ **INTUIÇÃO E INTELECTO NA ARTE.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 360 p. v. 1.

BONDER, Nilton *et al.* **A ALMA IMORAL.** 1. ed. São Paulo: ROCCO, 1998. 136 p. v. 1

BURKE, Peter. **O QUE É CONHECIMENTO.** 1. ed. São Paulo: UNESP, 2016. 211 p. v. 1.

CAPRA, Fritjof. **A ALMA DE LEONARDO DA VINCI :** Um gênio em busca do segredo da vida. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2012. 424 p. v. 1.

_____ **O PONTO DE MUTAÇÃO:** A ciência, a sociedade e a cultura emergente. 25. ed. São Paulo: CULTRIX, 2004. 444 p. v. 1.

CARIA, Telmo. **EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA EM CIÊNCIAS SOCIAIS.** Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2002.

GOMBRICH, Ernst. **A HISTÓRIA DA ARTE.** 1. ed. São Paulo: NACIONAL, 2000.

HARARI, Yuval. **SAPIENS - UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE.** 1. ed. São Paulo: L&PM Editores, 2015. 464 p. v. 1.

MORIN, Edgar. **A CABEÇA BEM FEITA.** 1. ed. BRASIL: BERTRAND BRASIL, 2000.

RUDHYAR, Dane. **TRIPTICO ASTROLOGICO.** 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2015. 250 p. v. 1.

VAN GOGH, Vincent. **CARTAS A THÉO:** 1. ed. São Paulo: L&PM Editores, 2002. 470 p. v. 1.